

De Jslas.

Costa de les Jslas

plaiia.

lla mieuu tieza.

Ji buena.

teza pãõ de seu
teza.

llos Jslas

teza Jncuenta

plaiia de los Jslas

plaiia

Cartógrafos para toda a Terra

Produção e circulação do saber
cartográfico ibero-americano:
agentes e contextos

Volume 2

Francisco Roque de Oliveira (org.)



A M C

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

UOL
LISBOA IGOT
UNIVERSIDADE
DE LISBOA
CRG

Centro de História
da Açores e do Atlântico-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Cartógrafos para toda a Terra

**PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER
CARTOGRÁFICO IBERO-AMERICANO:
AGENTES E CONTEXTOS**

Cartógrafos para toda la Tierra

**PRODUCCIÓN Y CIRCULACIÓN DEL SABER
CARTOGRÁFICO IBEROAMERICANO:
AGENTES Y CONTEXTOS**

Cartógrafos para toda a Terra

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO SABER
CARTOGRÁFICO IBERO-AMERICANO:
AGENTES E CONTEXTOS

Cartógrafos para toda la Tierra

PRODUCCIÓN Y CIRCULACIÓN DEL SABER
CARTOGRÁFICO IBEROAMERICANO:
AGENTES Y CONTEXTOS

Francisco Roque de Oliveira (org.)

Volume 2

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL



Centro de História de Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Lisboa 2015

Cartógrafos para toda a Terra. Produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano: agentes e contextos

Cartógrafos para toda la Tierra. Producción y circulación del saber cartográfico iberoamericano: agentes y contextos

ORGANIZADOR

Francisco Roque de Oliveira

COMISSÃO EDITORIAL

Francisco Roque de Oliveira, Guadalupe Pinzón Ríos, Maria Helena Esteves, Maria Joaquina Feijão, Miguel Rodrigues Lourenço, Zoltán Biedermann

REVISÃO

Daniel Paiva

EDITORES

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) | Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-UL) | Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores (CHAM, UNL/UAÇ)

CAPA

Fernão Vaz Dourado – Carta parcial da costa noroeste da América do Norte, [ca 1576], perg., il. color.; 385 × 277 mm BNP, Lisboa: IL 171, fl. 19 (pormenor)

DESIGN

TVM designers

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

© Autores, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

Cartógrafos para toda a Terra

Cartógrafos para toda a Terra : produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano : agentes e contextos = Cartógrafos para toda la Tierra : producción y circulación del saber cartográfico iberoamericano : agentes y contextos / org. Francisco Roque de Oliveira. – Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa : Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, 2015. – 2 v. : il.

Livro eletrónico.

ISBN 978-972-565-529-0

CDU 528(46)*15/19*(091)(042)(0.034)

Os trabalhos que integram esta publicação foram submetidos à avaliação por pares (*peer review*) feita por avaliadores externos à Comissão Editorial em regime de duplo anonimato (*double-blind*).

Los trabajos que integran esta publicación fueron sometidos a evaluación por pares (*peer review*) hecha por evaluadores externos a la Comisión Editorial en régimen de doble anonimato (*double-blind*).

APOIOS



VOLUME 2

Parte IV

Cartografia e história urbana

Cartografía e historia urbana

- «[O] Melhor Patrimonio do Estado»: representações não-portuguesas das cidades da Província do Norte do Estado da Índia, séculos XVI-XIX 551
JOAQUIM MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS
- As cidades (in)visíveis: a representação urbana em mapas do Brasil 555
RENATA MALCHER DE ARAUJO
VERA DOMINGUES
- Sobre a biografia da Planta da Villa de Maceió e a cartografia do engenheiro inglês Carlos de Mornay em Alagoas 585
MARIA DE FÁTIMA DE MELLO BARRETO CAMPELLO
- A Porto Alegre Imperial 605
DANIELA MARZOLA FIALHO
- A cartografia da expansão da cidade de São Paulo no período de 1881 a 2001 623
REINALDO PAUL PÉREZ MACHADO
IARA SAKITANI KAKO
- Buenos Aires, mapas y expansión. Cartografía y saberes urbanos en la construcción de la ciudad moderna 641
GRACIELA FAVELUKES
- Reinterpretaciones cartográficas: del origen a la Granada del XVIII 659
ANA DEL CID MENDOZA
- Da evolução urbana à geografia histórica do Rio de Janeiro: uma análise da produção de Mauricio de Almeida Abreu 675
PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS

Parte v

Horizontes da cartografia náutica ibero-americana

Horizontes de la cartografía náutica iberoamericana

- La Casa de Contratación de Sevilla, el Padrón Real, las cartas de marear y los inicios de la ciencia moderna 693
MAURICIO NIETO OLARTE
- La cartografía en los libros españoles de cosmografía, siglo XVI 713
MARIANO CUESTA DOMINGO
- La cartografía náutica española en el siglo XVII: transición de arte a ciencia 741
ALFREDO SURROCA CARRASCOSA
- La cartografía en los libros españoles de náutica, siglo XVIII 763
JOSÉ MARÍA BLANCO NÚÑEZ
- A Náutica na Reforma da Universidade de Coimbra (1772): o fim do cargo de cosmógrafo mor e o nascimento das academias de ensino náutico 763
NUNO MARTINS FERREIRA
- Troncos particulares de léguas: alternativa à carta de Mercator 783
ANTÓNIO COSTA CANAS
- El problema de los mapas náuticos con doble escala de latitud 805
SIMONETTA CONTI
- A cristalização de um modelo: as Filipinas na cartografia portuguesa, 1554-1580 827
MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO

Parte VI

Cartografias híbridas e imagens literárias

Cartografias híbridas e imagens literarias

- Topónimos/serpiente: sacralización del paisaje en las *Relaciones geográficas*, crónicas y documentos pictóricos del siglo XVI en México 831
ÁNGEL JULIÁN GARCÍA ZAMBRANO
- Imaginar Nuevo México en 1602. La representación de la tierra incógnita: encuentros y desencuentros cartográficos en la América colonial 857
AMAIA CABRANES RUBIO

Cartografias de lo interno. Lo subterráneo en la construcción mítica de la Granada contrarreformista	879
FRANCISCO ANTONIO GARCÍA PÉREZ	
Os sertões: de realidade geográfica a imagem literária	901
ANDRÉ HERÁCLIO DO RÊGO	
El Sudeste Asiático europeo a través de la cartografía literaria: la literatura de viajeros españoles a Filipinas durante el siglo XIX	911
JOSÉ MARÍA FERNÁNDEZ PALACIOS	
Angola na cartografia colonial e na escrita de António Lobo Antunes	933
FABIANA D'ASCENZO	

Parte VII

História da cartografia e divulgação de fundos cartográficos

Historia de la cartografía y divulgación de fondos cartográficos

Francisco de Borja Garção Stockler <i>versus</i> António Ribeiro dos Santos: os primeiros estudos de cartografia antiga em Portugal, 1805-1817	933
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA	
A edição de <i>Portugaliae Monumenta Cartographica</i> e o seu significado político	933
CARLOS MANUEL VALENTIM	
El mapa geológico de México. La presencia de una nueva disciplina en el México del siglo XIX	933
LUCERO MORELOS RODRÍGUEZ	
JOSÉ OMAR MONCADA MAYA	
Projeto «Atlas Histórico da Bahia Colonial»: promoção e difusão do saber cartográfico	955
ERIVALDO FAGUNDES NEVES	
MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO	
CAIO FIGUEIREDO FERNANDES ADAN	
ANDRÉ DE ALMEIDA REGO	
RAQUEL DE MATOS CARDOSO DO VALE	
ELANE FIÚZA BORGES	
JOCIMARA SOUZA BRITTO LOBÃO	
Projeto «Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes, 1927: estudos críticos»	971
MARIA LÚCIA PRADO COSTA	

MARIA APARECIDA SEABRA DE CARVALHO MARIA DE LUJAN SEABRA DE CARVALHO COSTA	
A importância da cartografia para o estudo da evolução da orla costeira: o exemplo do trecho Buarcos-Cova (Figueira da Foz, Portugal)	985
JOANA GASPAR DE FREITAS JOÃO ALVEIRINHO DIAS ANTÓNIO MOTA LOPES HELENA KOL	
Herramientas tecnológicas para la difusión y el estudio de los fondos cartográficos de la Fundación Luis Giménez Lorente	1005
JESÚS PALOMAR VÁZQUEZ FERNANDO BUCHÓN MORAGUES	

VOLUME 1

Cinquenta e um ensaios ibero-americanos de História da Cartografia	15
FRANCISCO ROQUE DE OLIVEIRA	
Rumos da História da Cartografia	23
FRANCISCO CONTENTE DOMINGUES	

Parte I

Os cartógrafos e as suas fontes

Los cartógrafos y sus fuentes

Fontes de origem portuguesa utilizadas por Piri Reis no Prefácio do <i>Kitab i-Bahrye</i> , 1526	37
RUI MANUEL LOUREIRO	
Alonso de Santa Cruz: argumentos para considerarle el autor del <i>Atlas de El Escorial</i>	47
ANTONIO CRESPO SANZ ISABEL VICENTE MAROTO	
Nacimiento y evolución de la cartografía matemática en España. Las libretas de campo de tres cosmógrafos: Esquivel, Labaña y Santa Ana	81
ANTONIO CRESPO SANZ	
Los mapas lícitos de publicar en Amberes. Redes, agentes y fuentes cartográficas usadas por Abraham Ortelius para el «Pervviae Avriferæ	

Regionis Typvs. Didaco Mendezio auctore», 1584 SEBASTIÁN DÍAZ ÁNGEL	115
Producción y circulación del saber cartográfico entre Europa e Italia a finales del siglo XVI y principios del XVII. Modelos geográficos y cartográficos para representar a la Tierra ANNALISA D'ASCENZO	149
Percursos do engenheiro António Carlos Andréis em Cabo Verde, 1765-1779 MARIA JOÃO SOARES	171
¿Original o copia? La colección de Pedro De Angelis y la circulación de la cartografía en el Río de la Plata, 1827-1853 TERESA ZWEIFEL	199

Parte II

Tecnologia cartográfica e disputas territoriais

Tecnología cartográfica y disputas territoriales

La línea de frontera brasileña en el mapa de Juan de la Cruz y Olmedilla de 1775 JOSÉ ANDRÉS JIMÉNEZ GARCÉS	219
A outra face das expedições científico-demarcatórias na Amazônia: o coronel Francisco Requena y Herrera e a comitiva castelhana BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO IRIS KANTOR	243
O Padre Francisco Xavier Éder e as Missões de Moxos ISTVÁN RÁKÓCZI MÁRIO CLEMENTE FERREIRA	265
Trazos a ciegas: los mapas políticos de Sudamérica en tiempos de las revoluciones independentistas latinoamericanas CARLA LOIS	287
O território contestado entre a França e o Brasil no âmbito das Sociedades Geográficas Nacionais JOÃO PAULO JEANNINE ANDRADE CARNEIRO	317
O delineamento da Estrada Real desde a serra de Rio Maior a Leiria em 1791 RICARDO CHARTERS D'AZEVEDO	339

La evolución de la representación cartográfica de las Islas Pontinas en el virreinato de Nápoles – siglos XVI-XVIII	357
ARTURO GALLIA	
Proyección inglesa sobre las Islas del Pacífico novohispano a través de sus mapas y diarios de viaje – siglo XVIII	371
GUADALUPE PINZÓN RÍOS	
España y la legitimación de sus colonias decimonónicas en el Pacífico a través de los mapas de Francisco Coello	391
DAVID MANZANO COSANO	

Parte III

A construção territorial do Brasil

La construcción territorial del Brasil

Análise semiótica da dimensão imaterial da cartografia histórica brasileira: o sentido territorial do Estado do Paraná no século XVIII	413
ESTEVÃO PASTORI GARBIN	
FERNANDO LUIZ DE PAULA SANTIL	
Cartografia Histórica da Capitania de Minas Gerais nos mapas de José Joaquim da Rocha do século XVIII	429
JOSÉ FLÁVIO MORAIS CASTRO	
Território e História. Caminhos, vilas e cidades em Goiás no século XVIII	447
LENORA DE CASTRO BARBO	
RÔMULO JOSÉ DA COSTA RIBEIRO	
Cartografia de terras e gentes: a guerra aos povos indígenas nas capitanias de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia no início do século XIX	465
MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO	
CAIO FIGUEIREDO FERNANDES ADAN	
Colonização e cartografia no sul do Brasil oitocentista: o exemplo de Emil Odebrecht	487
ENALI DE BIAGGI	
Cartografia e experiência histórica no Império do Brasil	511
LEANDRO MACEDO JANKE	

Reinterpretaciones cartográficas: del origen a la Granada del XVIII¹

ANA DEL CID MENDOZA
Área de Composición Arquitectónica
Universidad de Granada

Introducción

La Cartografía surgió como respuesta a una antigua necesidad del hombre de reflejar el territorio, necesidad de localización y orientación al margen de consideraciones artísticas. La tablilla de arcilla de Ga-Sur —encontrada a 300 Km de Babilonia—, donde aparece representado el curso de un río, probablemente el Eúfrates, entre dos cordilleras, y el grabado en piedra de Bedolina —al norte de Italia—, un dibujo con animales y seres humanos junto a formas rectangulares punteadas y círculos concéntricos, han sido catalogados como los primeros *mapas* conocidos de un lugar. Fechados ambos como pertenecientes al tercer y segundo milenio a. C. respectivamente, son la mejor muestra de cuán primigenia y, por tanto, intuitiva es la representación del medio en el que vivimos.

Para el arquitecto el dibujo sobre el plano es un instrumento fundamental de trabajo. Es un medio de análisis y asimilación de la realidad existente, y a la vez forma parte del proceso de creación y formalización de un compendio de ideas, en la mayoría de los casos, con vocación de ser construidas. En palabras del arquitecto británico Peter Cook:

«El dibujo preside todas las etapas de la creación arquitectónica. Representa el impulso inicial –desde el «sketch» en una servilleta o el garabato digital, hasta las fases de producción y comuni-

1 Esta ponencia trataba, de forma somera, la hipótesis, los objetivos, la metodología y las conclusiones de la investigación llevada a cabo por la autora para la acreditación de su suficiencia investigadora y la obtención del Diploma de Estudios Avanzados de la Universidad de Granada. Dicha investigación fue presentada con el título *Ensayos para la reinterpretación gráfica de la Historia Urbana de Granada*.

cación [...]. Dibujar es la verdadera fuerza motriz de la arquitectura» (COOK, APUD JEREZ MIR, 2010: 36).

Paul Theroux, el autor estadounidense conocido por sus novelas de viajes, definió la Cartografía como *la más científica de las artes y la más artística de las ciencias*². Acertada definición que exalta esa *ambigüedad* de la imagen cartográfica que precisamente eleva su valor de documento histórico. Como ciencia, la cartografía busca explicar el mundo —el objetivo de la ciencia es alcanzar la verdad absoluta— y como arte, trata de comprenderlo —la realidad se carga de afectos en el proceso cognitivo³.

Los mapas y los planos son, por tanto, producciones científicas e ideológicas (SCHLÖGEN, 2007: 94). Contienen información técnica, geométrica y geográfica a la vez que desvelan el contexto histórico y los avatares de su elaboración.

Con la Cartografía el hombre reinventó su relación con el territorio circundante. Ésta se convirtió en un instrumento para intervenir en él y dominarlo. Es por todos conocido que hubo un tiempo en el que los reyes daban órdenes directas al equipo cartográfico dispuesto a su servicio.

Elaborar un mapa de un territorio es una forma de dominio similar a la que entabla el arquitecto con el espacio que representa a través de su dibujo. Dibujar es siempre una forma de personalizar y un dibujo es siempre una representación intencionada. El dibujo cartográfico puede ser, al mismo tiempo —lo cual no es baladí—, una descripción, una crítica y una invención de un lugar.

La Historia nos ha legado multitud de ejemplos cartográficos que, a través de su propio lenguaje, nos hablan de un accidente geográfico, de una región o de una ciudad, así como de sus circunstancias culturales. O lo que es lo mismo, la Historia de la Cartografía nos ha legado una infinidad de relatos espacio-temporales.

Este *corpus cartográfico* ha sido y sigue siendo el objeto de numerosos estudios. Además, en las últimas décadas ha despertado un interés cada vez

-
- 2 Esta definición de Paul Theroux ha sido recogida en numerosos ensayos sobre Cartografía, Geografía e Historia, entre ellos el de Ángel Rubio Moraga (2003).
 - 3 De cómo la ciencia y el arte *hablan* con el mundo, el arquitecto Carlos Martí Arís (2005) escribió un ensayo recogido en su libro sobre Teoría de la Arquitectura.

mayor como fuente para investigadores dedicados a otras disciplinas que guardan conexión con estas representaciones. A esto hay que añadir que, el dibujo cartográfico puede funcionar como una herramienta —asumiendo las funciones del dibujo arquitectónico— y formar parte tanto de la metodología de una investigación como de sus conclusiones, ser entonces el medio para la generación y la transmisión del conocimiento.

La ciudad de Granada. Objeto de investigación

Hace años, cuando ya era estudiante de arquitectura —estatus que mantendré siempre— leí un texto que me hizo reflexionar acerca de los sentimientos contradictorios que producen los cambios urbanos sobre la población de las ciudades de larga tradición histórica:

«En Maurilia se invita al viajero a visitar la ciudad y al mismo tiempo a observar viejas tarjetas postales que la representan como era antes [...]. Para no decepcionar a los habitantes hace falta que el viajero elogie la ciudad de las postales y la prefiera a la presente, aunque cuidándose de contener dentro de límites precisos su pesadumbre ante los cambios: reconociendo que la magnificencia y prosperidad de Maurilia convertida en metrópoli, comparada con la vieja Maurilia provinciana, no compensan cierta gracia perdida, que sin embargo se puede disfrutar ahora sólo en las viejas postales, mientras que antes, con la Maurilia provinciana delante de los ojos, de gracioso no se veía realmente nada, y mucho menos se vería hoy si Maurilia hubiese permanecido igual [...].» (CALVINO, 1994: 43).

Puesto que todos buscamos una experiencia en aquello que leemos, Granada, la ciudad en la que casi siempre he vivido, se convirtió desde entonces en mi propia *Maurilia*. En Granada, una ciudad cuyos primeros asentamientos tuvieron lugar en la colina del Albaicín en torno al siglo VII a. C., la actitud descrita por Italo Calvino en este fragmento es, de forma rotunda, una realidad.

Las ciudades son organismos vivos puestos en crisis continuamente. Como tales, precisan de un *re-conocimiento* de su historia para comprender su situación actual e intervenir en ellas de forma consecuente. Interrelacionar acontecimientos pasados y presentes e incluso aventurar un hipotético

futuro, podrían paliar el conflicto entre la ciudad moderna y sus necesidades como tal, y la ciudad histórica y su enorme peso identitario.

Granada, atendiendo sólo a la secuencia histórica de sus representaciones urbanas, ocupa un lugar relevante entre las capitales europeas. Es un ejemplo de ciudad profusamente dibujada —con diferentes técnicas, por múltiples autores y con diversos fines—, respondiendo así a la sintonía cualitativa que existe entre la categoría de una ciudad y la de sus representaciones gráficas.

La ciudad de Granada fue, pues, el objeto de esta investigación. Una investigación que pretendía afrontar el estudio de ese fenómeno tan complejo que es la ciudad contemporánea, a través de su morfología, atendiendo a sus sucesivas mutaciones espaciales y a las circunstancias políticas, económicas y culturales que las propiciaron. Para ello, tal y como se ha mencionado anteriormente, se experimentó con el *dibujo cartográfico* —realizado por un arquitecto— como instrumento de investigación.

El estudio de la Historia Cartográfica de una ciudad es, por tanto, un estudio sobre su Historia Urbana siguiendo un orden espacio-temporal, donde los lugares —con sus medidas, sus proporciones, sus formas, etc.— y sus transformaciones son, acompañados por el correlato histórico, los protagonistas.

Reinterpretaciones cartográficas

La investigación partía de la hipótesis de que, aunque los datos históricos de una ciudad como Granada son suficientemente conocidos y poco se puede añadir en esta materia sin ser historiador profesional, sí cabía aportar otro tipo de conocimiento: la elaboración de un material cartográfico personalizado que acompañe al tradicional relato escrito.

El plano abstrae, clasifica, simplifica, exagera, elige, omite (BLACK (1997: 104) ... en este caso por decisión del arquitecto-cartógrafo. La nueva *cartografía histórica* facilitaría la comprensión inmediata e intuitiva de la compleja evolución morfológica de una ciudad, pues la capacidad comunicativa del plano es superior a la de cualquier descripción escrita.

Se generaron entonces, a lo largo de la investigación, nuevas cartografías para Granada según diferentes métodos. El primero de ellos fue el de los **Planos que re-dibujaban** una selección de los históricos granadinos⁴.

Dibujar sobre lo cartografiado es similar a leer, reconocer, descubrir, analizar, y en definitiva, reinterpretar. Además de los límites temporales, la propia naturaleza de la investigación acotó los posibles mapas a redibujar: aquellos que en su momento fueron concebidos como un fiel reflejo de la realidad construida de la ciudad y que, al mismo tiempo, hayan tenido un papel significativo en la Historia —bien por el momento representado, bien por los objetivos de su elaboración o bien por los datos científicos aportados.

Apenas existen representaciones gráficas de la ciudad de Granada anteriores a la era cristiana. Al margen de la controversia historiográfica que sigue abierta sobre los orígenes de la ciudad⁵ y la continuidad poblacional desde los primeros asentamientos íberos hasta la invasión árabe, lo cierto es que Granada aparece escasamente mencionada en los documentos cartográficos más antiguos. Aun así, se localiza en la *Naturalis historia* de Plinio el Viejo, en algunos mapas de la *Geographia* de Ptolomeo, en la *Tabula Peutingeriana*, y en escasos ejemplos de la cartografía islámica, como el *Mapamundi* de Al-Idrisi o el *portulano* de las costas andaluzas de Piri Reis.

4 Hade aclararse que la investigación estaba acotada temporalmente, desde los primeros asentamientos hasta la ciudad del XVIII. Este es el motivo por el que algunos hitos de la Historia de la Cartografía granadina, no se incluyeron en el análisis.

5 Actualmente existen dos teorías contrapuestas en relación a los primeros asentamientos en lo que hoy es la ciudad de Granada. Mientras unos, llamados *alcababistas*, argumentan la existencia de *Iliberri* y posterior *Municipium Florentinum Iliberritanum* de época romana, en la parte alta del Albaicín; otros, los *elviristas*, defienden la ubicación de Iliberri en las proximidades de la población de *Atarfe* y niegan la existencia de argumentos sólidos que atribuyan carácter urbano al núcleo de origen ibérico, sosteniendo, entonces, que la urbanización propiamente dicha de esta zona en tiempos anteriores a los ziríes está por demostrar. Sobre este tema ver: Adroher Auroux; López Marcos, 2001; Eguílaz y Yanguas, 1987; Malpica Cuello, 2000; Orfila Pons, 2008; Orfila Pons, Sotomayor Muro, 2002; Roca Roumens; Moreno Honorato; Lizcaino Prestel, 1988; Rodríguez Aguilera, 2001.

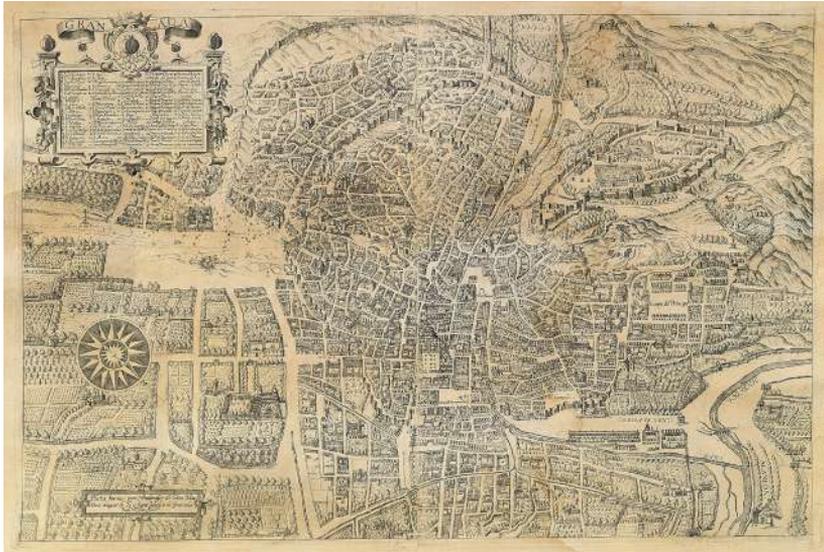


Figura 1. [Ambrosio de Vico] *Plataforma de Granada*. (finales del siglo XVI – principios del siglo XVII). Grabado de Francisco Heylan destinado a ilustrar la *Historia Eclesiástica de Granada* de Justino Antolínez de Burgos.

Ya en el siglo XVI, la representación de Granada se diversificó con imágenes precartográficas: era fondo de espléndidas pinturas, una miniatura dentro de un relieve, o la protagonista de panorámicas y vistas urbanas recogidas, en algunos casos, en colecciones de gran éxito como el *Civitates Orbis Terrarum* de Braun.

A partir de entonces las representaciones cartográficas, propiamente dichas, de la ciudad comenzaron a realizarse con motivo de acontecimientos importantes o de encargos especiales. De ellas, las redibujadas durante la investigación fueron:

Plataforma de Granada de Ambrosio de Vico (principios del siglo XVII).

Es en rigor el primer plano urbano de Granada, pero fue elaborado para ser incluido como una ilustración en la *Historia Eclesiástica de Granada* de Justino Antolínez de Burgos. La obra fue encargada por el Arzobispado para argumentar la raíz cristiana de la ciudad y su carácter sagrado a la luz de las supuestas reliquias encontradas en el Sacromonte (CALATRAVA ESCOBAR; RUIZ MORALES, 2005: 49-56). Con la intención de fijar, a través de un



Figura 2. [Francisco Dalmau] *Mapa topográfico de la ciudad de Granada*. Versión grabada por Francisco Ribera en 1796. Existe otra versión grabada en 1831 que incorporaba las principales transformaciones llevadas a cabo durante la dominación francesa.

plano, una imagen cristiana de la ciudad, el cartógrafo sobredimensionó los edificios religiosos y los elementos votivos, situó la catedral en el centro geométrico del plano, y regularizó el trazado de muchas calles para adaptarlas a los gustos renacentistas y pre-barrocos de la última capital nazarí.

Sin embargo, al margen de sus limitaciones e intenciones, el plano es un reflejo de las operaciones urbanísticas del siglo XVI: demolición y reconstrucción del barrio de la judería, la intensa actividad fundacional y constructora de edificios religiosos (parroquias y conjuntos conventuales) y de otros equipamientos que igualmente quedaban en manos de las órdenes religiosas (hospitales y colegios), los nuevos arrabales, los nuevos ejes y espacios de recreo, las grandes transformaciones del Albaicín y del centro de la antigua *medina* islámica o las intervenciones en el recinto de la Alhambra (el Palacio de Carlos V como la más espectacular).

Mapa topográfico de la ciudad de Granada de Francisco Dalmau (1796).

Es el segundo gran plano de la historia cartográfica de la ciudad, y al contrario que el anterior, es un matemático el que tomó la iniciativa de ela-

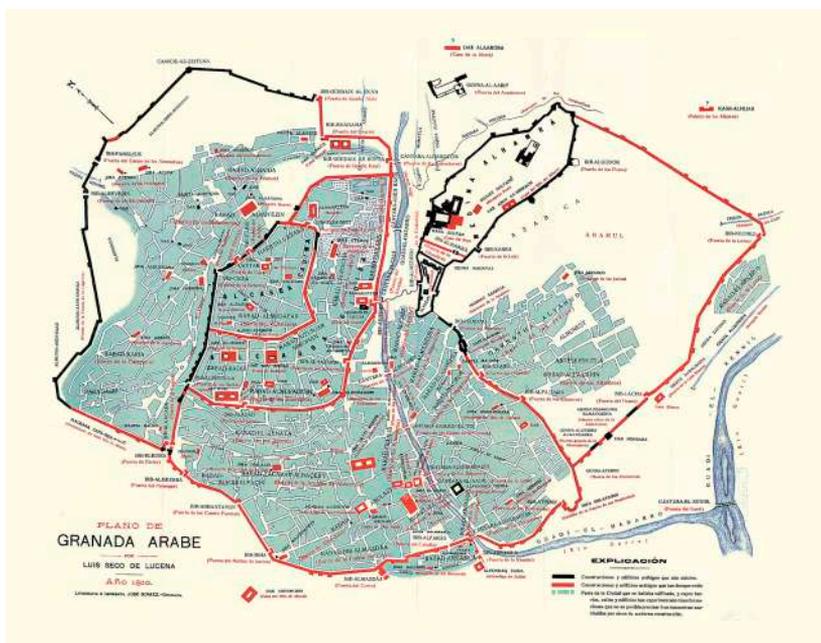


Figura 3. [Luis Seco de Lucena] *Plano de Granada árabe* [1910].

borar una descripción rigurosa (científicamente hablando) de la trama urbana, que sirviera como instrumento para la planificación. Es un plano con importantes novedades cartográficas. La ciudad se mide ahora con los parámetros de la Ilustración: escala gráfica, curvas de nivel (todavía rudimentarias) para insinuar la topografía, manzanas numeradas, cuadrícula alfanumérica para la localización de las calles y edificios recogidos en la extensa leyenda a los márgenes del plano, una ventana con información adicional sobre la ciudad (CALATRAVA ESCOBAR; RUIZ MORALES, 2005: 71-82). Se trata de un hito cartográfico que se empleó en esta investigación no sólo para el estudio de la ciudad moderna —entre los siglos XVI y XVIII—, sino también para el análisis de la ciudad hispano-musulmana, al tratarse del plano más antiguo que representa de forma más fidedigna y detallada la trama de Granada al finalizar el periodo nazarí. El plano refleja las zonas de expansión, los tramos de muralla y puertas que continuaban en pie, la consolidación de los nuevos paseos, la construcción del complejo religioso en

la cumbre del monte Valparaíso⁶ o la mejora de importantes infraestructuras (puentes y cementerios entre otras).

Plano de Granada árabe de Luís Seco de Lucena (editado en 1910).

Es una pieza destacada dentro de ese cúmulo de cartografía histórica del último tercio del siglo XIX y primeras décadas del XX, elaborada por eruditos interesados en el estudio del pasado, fundamentalmente el pasado islámico, de la ciudad.

El plano hace numerosas aportaciones respecto al trazado de los sucesivos recintos amurallados y sus puertas, así como a la localización de construcciones destacadas e importantes infraestructuras en la ciudad hispano-musulmana: mezquitas, baños, Alhambra y Generalife y otros palacetes, zoco, alcaicería, madraza o alhóndigas.

El segundo método para la generación de las nuevas cartografías granadinas fue el de los **Planos que superponían** las sucesivas fases de crecimiento y transformación de la ciudad sobre una base cartográfica actual. Esta superposición permitía leer en la ciudad que vivimos hoy, elementos no construidos.

Es clave recordar aquí que lo real no es únicamente lo construido actualmente, sino lo que estuvo construido en otra época o aquel espacio que fue pensado y nunca llegó a construirse. Todos ellos, espacios construidos, espacios destruidos y espacios pensados están ahí, escondidos, aunque parezcan ausentes.

El empleo del dibujo cartográfico como medio para la investigación y la transmisión de conclusiones resultaba en este caso especialmente ventajoso, pues el dibujo presenta la cualidad de superponer dos tiempos en un mismo espacio. Este valor es fundamental si se tiene en cuenta que, puesto que el plano actual de una ciudad resulta fácilmente interpretable, si a él se referencia un elemento urbano —una vía, un vacío, una manzana, un edificio— de otra época, su localización es sencilla para cualquier persona ajena a las disciplinas cartográfica y arquitectónica.

El tercer *método* para cartografiar Granada fue el de los **mapas de itinerarios fotográficos**. Se realizaron varias series fotográficas para acom-

6 Valparaíso es el lugar en el que a finales del siglo XVI habían sido encontrados los libros plúmbeos y otras reliquias.

pañar a los diferentes mapas en los que se trazaban los itinerarios de reconocimiento *in situ* de la ciudad. Las fotografías completaban el mecanismo de relación entre la ciudad antigua y la contemporánea, entresacando elementos históricos de la abstracción del plano y mostrándolos en su estado actual.

Sobre las conclusiones de la investigación

Todo el material elaborado a lo largo de la investigación, es decir, la nueva cartografía y los textos escritos en diversas formas —la descripción de los condicionantes geográficos de la ciudad, de las transformaciones de la trama urbana contextualizadas por los acontecimientos políticos, económicos y culturales de cada momento, la relación de la reglamentación edificatoria hasta la aparición de la urbanística moderna⁷, etc.— se estructuraba en una serie de ensayos o *miradas* sobre la ciudad en las diferentes etapas de su historia, desde los primeros asentamientos hasta el inicio del siglo XIX: Granada en la Prehistoria⁸, Granada íbera, Granada romana, Granada hispano-musulmana y Granada moderna⁹.

La conclusión de la investigación consistía pues, en un *re-conocimiento* de la evolución morfológica de la ciudad de Granada a lo largo de su historia, atendiendo a las circunstancias políticas, económicas y culturales que la propiciaron, así como la experimentación del *dibujo cartográfico* como metodología de investigación.

Los nuevos mapas o reinterpretaciones cartográficas no son más que la plasmación visual de la interrelación que se produce, de forma especialmente intensa cuando el objeto de estudio es la metrópolis contemporánea, entre toda una gama diversa de fuentes documentales, vestigios mate-

7 Sobre la reglamentación edificatoria de Granada, ver: Anguita Cantero, 1997.

8 Sobre los vestigios prehistóricos encontrados en la provincia de Granada, ver: Ramos Linaza, 2005.

9 Sobre la Historia Urbana de Granada existen números trabajos. A continuación se citan los que fueron básicos para la realización de esta investigación: Acale Sánchez, 2005; Orihuela Uzal, 1995; Barrios Rozúa, 2002; Bosque Maurel, 1988; Gallego Burín, 1996; Martínez de Carvajal, 2007; Jerez Mir, 2002; Madoz Ibáñez, 1987; Viñes Millet, 1999.



Figura 4. Paseo de los Tristes (en primer plano, abajo), vista parcial del barrio de los Axares, del barrio del Albaicín y su muralla hasta la ermita de San Miguel Alto (en el cerro homónimo y del valle de Valparaíso con la Abadía del Sacromonte al fondo. Fotografía de elaboración propia.

riales, imágenes cartográficas, pictóricas o literarias y otras investigaciones de índole socio-económica.

Las reinterpretaciones cartográficas constituyen por tanto, un material útil para estudiar intenciones en las intervenciones o en los proyectos llevados a cabo sobre la ciudad durante épocas pasadas, así como reflexionar sobre las oportunidades perdidas. Son útiles para imaginar edificios o espacios que hoy no están construidos, leer invariantes urbanos o descubrir lugares potencialmente activos. Quizás, atendiendo a estas cuestiones se logrará un entendimiento de la ciudad histórica distinto a ese que trata de embalsamarla (como ocurre a menudo), y por el contrario se daría cabida a intervenciones en las que se integra la memoria del pasado histórico con la solución de las necesidades de una ciudad que aspira a ser moderna.

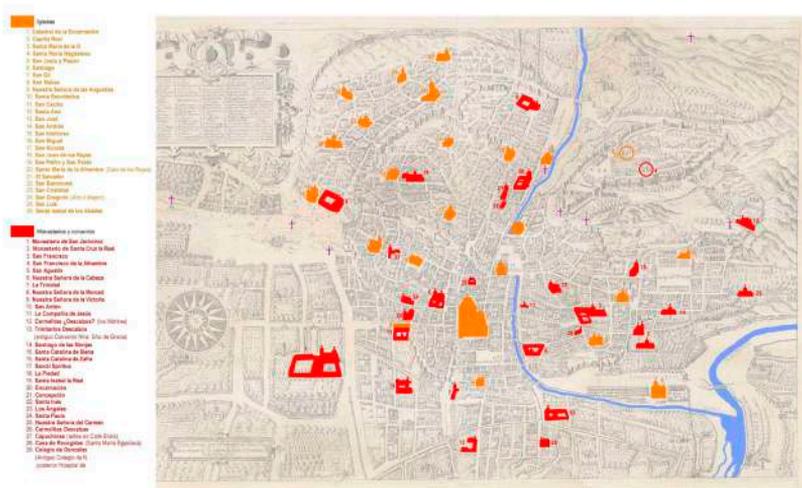


Figura 5. Reinterpretación (I) de la Plataforma de Granada de Ambrosio de Vico (Finales del siglo XVI - principios del siglo XVII).

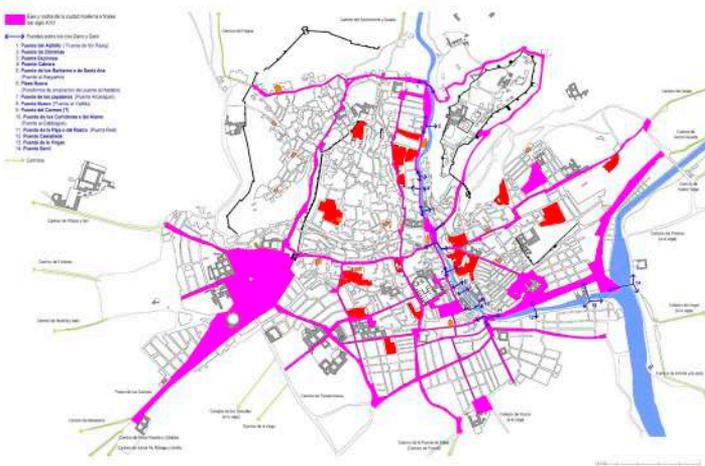


Figura 6. Reinterpretación (I) del Mapa Topográfico de la Ciudad de Granada de Francisco Dalmau (1976).

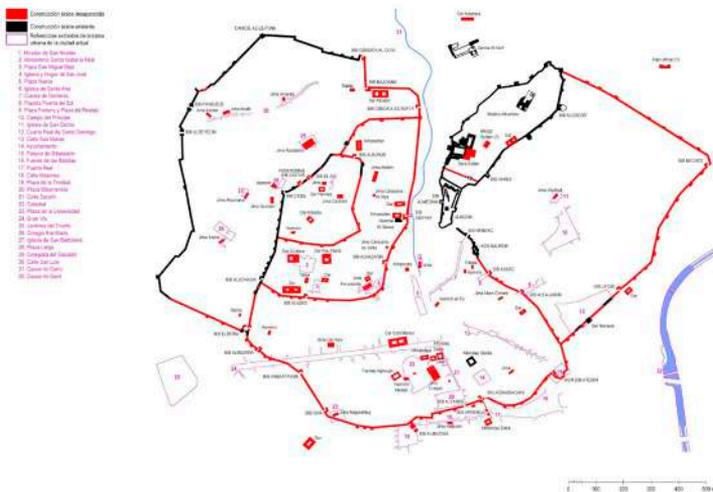


Figura 7. Reinterpretación (I) del Plano de Granada Árabe de Seco de Lucena (1910).

A continuación se muestran unas imágenes que ejemplifican las reinterpretaciones cartográficas llevadas a cabo a lo largo de la investigación y a las que hace alusión el título de este texto¹⁰.

Referencias bibliográficas

ACALE SÁNCHEZ, Fernando (2005) – *Plazas y paseos de Granada: de la remodelación cristiana de los espacios musulmanes a los proyectos de jardines en el ochocientos*. Granada: Universidad de Granada / Editorial Atrio.

10 La ponencia se apoyaba en más de 30 dibujos de elaboración propia. Dadas las limitaciones de este texto, se apela a la buena voluntad del lector para imaginar otras tantas reinterpretaciones cartográficas.

- ADROHER AUROUX, Andrés María; LÓPEZ MARCOS, Antonio (2001) – *Excavaciones arqueológicas en el Albaicín (Granada). I. Callejón del Gallo*. Granada: Fundación Patrimonio Albaicín-Granada.
- ANGUITA CANTERO, Ricardo (1997) – *La ciudad construida: control municipal y reglamentación edificatoria en la Granada del siglo XIX*. Granada: Diputación de Granada.
- ORIHUELA UZAL, Antonio (1995) – «Granada, capital del Reino nazarí». In Rafael López Guzmán, ed. – *La arquitectura del Islam occidental*. Barcelona: Lunwerg Editores.
- BARRIOS ROZÚA, Juan Manuel (2002) – *Granada: Historia Urbana*. Granada: Comares.
- BLACK, Jeremy (1997) - *Maps and Politics*. Londres: Reaktion Books.
- BOSQUE MAUREL, Joaquín (1988) – *Geografía urbana de Granada*. Edición facsímil del original de 1962, Zaragoza, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Granada: Universidad de Granada.
- CALATRAVA ESCOBAR, Juan; RUÍZ MORALES, Mario (2005) – *Los planos de Granada: 1500-1909. Cartografía urbana e imagen de la ciudad*. Granada: Diputación de Granada.
- CALVINO, Italo (1994) – *Las ciudades invisibles*. Madrid: Siruela.
- EGUÍLAZ Y YANGUAS, Leopoldo (1987) – *Del lugar donde fue Iliberis*. Granada: Universidad de Granada.
- GALLEGO BURÍN, Antonio (1996) – *Granada. Guía artística e histórica de la ciudad*. 11.ª edición actualizada por Gallego Roca, Francisco Javier. Granada: Comares.
- MARTÍNEZ DE CARVAJAL, Ángel Isac (2007) – *Historia urbana de Granada. Formación y desarrollo de la ciudad burguesa*. Granada: Diputación de Granada.
- JEREZ, Fernando (2010) – «Conversando con... Peter Cook», *EGA: revista de expresión gráfica arquitectónica*, 16 (2010) 34-43.
- JEREZ MIR, Carlos (2002) – *La forma del centro histórico de Granada: morfología urbana, tipología edificatoria y paisaje urbano*. Granada: Tesis doctoral no publicada.
- MADOZ IBÁÑEZ, Pascual (1987) – *Diccionario geográfico-estadístico-histórico de Andalucía. Granada*. Edición facsímil del original de 1845-1850, Madrid. Valladolid: Ámbito.
- MALPICA CUELLO, Antonio (2000) – *Granada, ciudad islámica. Mitos y realidades*. Granada: Universidad de Granada.
- MARTÍ ARÍS, Carlos (2005) – «El arte y la ciencia: dos modos de hablar con el mundo». *En La cimbra y el arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.
- ORFILA PONS, Margarita (2008) – *Granada en época romana. Florentia Iliberritana*. Catálogo de exposición. Granada: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

- ORFILA PONS, Margarita; SOTOMAYOR MURO, Manuel (2002) – *Discurso pronunciado por la Ilma. Sra. D.^a Margarita Orfila Pons en su recepción académica y contestación del Ilmo. Sr. D. Manuel Sotomayor Muro*. Acto celebrado en el paraninfo de la Facultad de Derecho el día catorce de enero. Granada: Real Academia de Bellas Artes de Granada.
- RAMOS LINAZA, Manuel (2005) – *Guía oficial del Museo arqueológico y etnológico de Granada*. Sevilla: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.
- ROCA ROUMENS, Mercé; MORENO HONORATO, María Auxiliadora; LIZCANO PRESTEL, Rafael (1988) – *El Albaicín y los orígenes de la ciudad de Granada*. Granada: Universidad de Granada.
- RODRÍGUEZ AGUILERA, Ángel (2001) – *Granada arqueológica*. Granada: Caja General de Ahorros de Granada.
- RUBIO MORAGA, Ángel (2003) – «Historia e Internet: aproximación al futuro de la labor investigadora». En Sebastià Serra Busquets; Arnau Company Mates; Jordi Pons Bosch (coord.) – *Aportacions de la comunicació a la comprensió i construcció de la història del segle XX; La comunicació audiovisual en la història*. Vol. 1. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears, 369-396.
- SCHLÖGEN, Karl (2007) - *En el espacio leemos el tiempo. Sobre Historia de la civilización y Geopolítica*. Madrid: Siruela.
- VIÑES MILLET, Cristina (1999) – *Historia urbana de Granada*. 2.^a edición revisada y ampliada. Granada: Centro de Estudios Municipales y de Cooperación Internacional.

Os cinquenta e um estudos que integram este *eBook*, assinados por sessenta e nove autores, permitem uma ampla perspectiva sobre o estado da investigação científica ibero-americana em História da Cartografia. No seu conjunto, estes textos incidem sobre uma matriz cartográfica que tanto consumou uma figuração pioneira do espaço terrestre, como influenciou de forma duradoura as grandes categorias espaciais imaginadas para organizar o conhecimento geográfico do mundo. Paralelamente, oferecem-nos um inquérito alargado sobre as operações de produção, de circulação e de consulta dos mapas, em consonância com as preocupações contemporâneas da disciplina, que vêm insistindo na importância da análise dos contextos culturais e sociais que acompanham esta sequência de etapas.

Os trabalhos aqui reunidos foram originalmente apresentados no âmbito do IV Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia, que decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, em Setembro de 2012. Recaem sobre um extenso conjunto de mapas, de cartógrafos e de cartólogos do século XVI ao século XX. Adquirem especial relevo as pesquisas dedicadas às representações cartográficas da Península Ibérica e do Brasil, para além de outros espaços ibero-americanos. Mas um número significativo de autores alarga o seu horizonte de análise a parcelas do mundo menos tratadas nestes âmbitos: a Ásia do Sul, a Ásia do Sueste e o Pacífico, assim como a diversos territórios europeus, ao Mediterrâneo, ao Atlântico e a África. Deste modo, ganha pleno sentido o título escolhido para esta publicação: *Cartógrafos para toda a Terra. Produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano: agentes e contextos*.

